

Entrevistas realizadas, no início de 1995, por dois estagiários estrangeiros de Bonneuil. Abordam-se principalmente os temas seguintes: a singularidade do dispositivo institucional, a referência à teoria psicanalítica, os primeiros tempos da escola, o embate com a administração médico-pedagógica, o estatuto dos estagiários e a relação com a família das crianças.

**Mannoni; Bonneuil; psicanálise.**

TALKING ABOUT  
BONNEUIL —  
INTERVIEWS WITH  
MANNONI, RICHER-LÉRÈS  
AND BENVENUTTI

*Two Bonneuil's foreign trainees performed these interviews in early 1995. The main subjects approached are: the singularity of the institutional scheme, the reference to the psychoanalytical theory, the beginnings of the school, the struggle with the medical-pedagogical administration, the status of trainees and the relationship with the children's family.*

**Mannoni; Bonneuil; Psychoanalysis**

# CONVERSANDO SOBRE BONNEUIL<sup>1</sup>

ENTREVISTAS COM  
MAUD MANNONI, MARIE-JOSÉ  
RICHER-LÉRÈS E LITO BENVENUTTI

Leandro de Lajonquière  
Roberto Scagliola

BONNEUIL: PSICANÁLISE E  
SAÚDE MENTAL  
ENTREVISTA COM MAUD MANNONI,  
REALIZADA EM 08/02/95

*E* m várias oportunidades, a senhora afirmou que Bonneuil é “um lugar para viver”; por que, então, a psicanálise para sustentar esse lugar?

Inicialmente, essa expressão foi utilizada de um modo um tanto recorrente. Bonneuil foi fundado em 1969 e, desde o começo, foi pensado como um lugar à margem ou na contramão da medicalização própria das instituições hospitalares e, de igual maneira, daquilo que faz o

- M. Mannoni, fundadora da École Expérimentale de Bonneuil-sur-Marne; falecida em 15 de março de 1998. M.J. Richer-Lérès, psicóloga clínica, membro da equipe de Bonneuil. L. Benvenuti, educador, membro da equipe de Bonneuil.
- ■ Professor-doutor do Depto. de filosofia e ciências da educação da Universidade de São Paulo.
- ■ ■ Psicólogo clínico do Distretto Sanitario di Base n. 3, Malo (Itália). Ex-docente da Universidad Nacional de Rosario (Argentina).

sistema nacional de educação (*l'Éducation nationale* <sup>2</sup>), isto é, do enquadramento de crianças psicóticas, débeis, etc., em um sistema especial de educação com o objetivo de lhes ensinar determinados conteúdos curriculares. O que sempre me interessou foi a introdução de uma forma um tanto marginal de funcionar e, mais ainda, de mantê-lo, apesar de sermos reconhecidos depois pelo sistema público de assistência social.<sup>3</sup> Essa maneira marginal foi chamada posteriormente de *instituição estilhaçada* (*institution éclatée* <sup>4</sup>).

Assim, damos importância à escuta do desejo do sujeito. Algumas curas espetaculares devem-se ao fato de se ter podido escutar a rejeição da própria instituição. Por exemplo, uma vez achamos um lugar para uma criança na Bretanha, onde havia umas cem vacas e, a partir de sua paixão por elas, conseguiu retomar seus estudos de primeiro grau. Aquilo que sustentava essa criança, considerada psicótica, era a idéia de herdar algum dia a propriedade, pois a dona da chácara tinha lhe dito que, se conseguisse o *Diploma de exploração agrícola*,<sup>5</sup> poderia, com um dos filhos dela, continuar com a exploração. Dessa forma, ele não trabalhava mais que pela vontade de poder passar a sua vida junto às vacas. Pois bem, nessa oportunidade tivemos que fazer frente à *Éducation nationale*.

Aconteceu que essa criança frequentou a escola normalmente até a terceira série, momento a partir do qual suas notas caíram espetacularmente até chegar a uma média de 7/20.<sup>6</sup> Quando fomos vê-la, disse-nos que não valia mais a pena continuar estudando já que, não sendo filho de um proprietário agrícola, não tinha o direito de obter o título de exploração. Perante esta situação, persuadimos o diretor do colégio para que abrisse a possibilidade e, portanto, a esperança de poder se apresen-

tar aos exames finais para a obtenção do diploma, caso ele atingisse no final do curso uma média geral de pelo menos 15/20. De fato, a criança acabou obtendo essa média mas, nesse momento, surgiu uma nova complicação: agora era o próprio pai quem queria matriculá-la em um curso técnico de marcenaria. Assim foi que, quando soubermos do acontecido, no mês de agosto, nós nos mobilizamos novamente, entrando em contato com um padre bretão amigo, a quem solicitamos ajuda para colocar a criança em uma escola de padres onde, ao mesmo tempo em que a eximissem dos estudos religiosos, ela pudesse se preparar para os exames finais. Paralelamente, e com o acordo da família acolhedora (*famille d'accueil*), apresentamos no colégio uma documentação falsa — é dessa maneira que as coisas caminham na França! — que dizia precisamente que essa criança era o único herdeiro, por parte de um primo longínquo, da chácara; dessa forma, ele estaria em condições legais de se apresentar aos exames e, assim, poder obter o registro agrícola que lhe permitisse trabalhar no campo.

Pois bem, quando as coisas pareciam se encaminhar novamente, aconteceu o seguinte: no exame oral, a criança tirou uma pergunta relativa às vacas e, como essa mesma pergunta tinha sido tirada no sorteio de pontos pelo aluno anterior, o professor decidiu pedir-lhe que falasse a respeito da criação de porcos. A pergunta era-lhe conhecida mas o fato de que o professor tivesse mudado o assunto foi vivido pela criança como uma injustiça e, por outra parte, o fato de ter que falar sobre porcos foi sentido como uma espécie de ferida narcisística. Assim foi como este menino se negou a responder, tirando zero. No entanto, como todos ficaram consternados, pois ele tinha se tornado um bom aluno, entrevistamos novamente so-

licitando um outro exame, em que foi aprovado. Moral da história: o trabalho de Bonneuil é basicamente esse. Ou, em outras palavras, digamos que a escuta analítica sustentada em Bonneuil, produto da transformação produzida pela psicanálise nos membros do grupo, é uma subversão do discurso médico-pedagógico.

*Bonneuil se apresenta publicamente como uma escola experimental e, no entanto, depende do Sistema de Saúde. Não parece uma contradição?*

Bonneuil é, oficialmente, uma escola com hospital-dia, e lar terapêutico à noite. No entanto, sobre a porta de acesso colocamos somente *escola experimental*, para que as crianças tivessem como significante o de escola e não o de um lugar de doentes. Mais ainda, pode-se dizer que Bonneuil não depende só do Ministério da Saúde. Na verdade, nós temos duas inspeções: por um lado, a área de saúde e, por outro, a de educação; pois os dois professores que trabalham em Bonneuil são funcionários do Ministério da Educação.

*No entanto, continua chamando a atenção essa coexistência, em Bonneuil, de educação e saúde mental. Talvez algo da saúde passe pela educação? Como a senhora definiria essa educação?*

Tenho definido a educação precisamente nas antípodas do Dr. Schreber. Por isso, nós não realizamos uma reeducação forçada; em vez disso, damos a maior importância ao fato de pôr ao alcance, inclusive daqueles mais comprometidos, uma ferramenta de trabalho. A ênfase que nós pomos no escolar é maior da que se põe em qualquer outro hospital-dia, onde a dimensão educacional está apagada. Desta maneira, em Bonneuil nos preocupamos para que as crianças possam ser aprovadas nos exames oficiais. Explica-se às crianças que, para poder escapar da exclusão e encontrar um trabalho em que se possa ganhar mais que um salário mínimo, precisam de um diploma. Assim, podem se tornar trabalhadores e mestres-artesãos com a sua cota de loucura. Nesse sentido, e como dizia Winnicott, *o único que pedimos às crianças é que, na vida, façam semblante de serem normais.*

*Nestes dias,<sup>7</sup> e referindo-se, em geral, aos avatares próprios da transmissão da psicanálise e, em particular, à dissolução do CFRP<sup>8</sup>, a senhora falou em psicanalistas-filósofos e psicanalistas hospitalares. Em que medida os 25 anos de Bonneuil iluminam esse desencontro no seio da transmissão do saber psicanalítico?*

Digamos que cada um deles mantém posições diferentes. É essa, justamente, a diferença que está na origem da cisão produzida no interior do CFRP. Assim, temos os filósofos universitários que tentam manter a psicanálise em uma dimensão de saber teórico sem nenhuma prática ou, quando muito, no âmbito do consultório. Evidentemente, não são de maneira alguma interpelados pelos mesmos problemas que os *hospitalares*.

*Poderíamos dizer, talvez, que os 25 anos de Bonneuil estão nos indicando que também algo do próprio estatuto da psicanálise está em jogo nos avatares da educação, da arte, enfim, da vida cotidiana?*

Sem dúvida. É na vida onde se esgota o desejo do sujeito ou, em outras palavras, aquilo que o ativa no que diz respeito a uma palavra própria.

*No interior de Bonneuil existe um cruzamento de culturas e línguas, trata-se de um efeito buscado em virtude da problemática das crianças?*

A lição que podemos tirar de um livro de Louis Wolfson, intitulado *O esquizofrênico e as línguas*,<sup>9</sup> é que para um sujeito considerado esquizofrênico e aprisionado em sua língua materna, é importante poder descobrir-se diferente em outra língua. A passagem de línguas em Bonneuil (em certos momentos, tivemos “laboratórios” de línguas bastante vivos) permitiu que determinadas crianças escapassem do terror da língua materna e habitassem em outra língua com uma menor sensação de perigo.

*Pareceria também que esse cruzamento de línguas é inerente ao caráter “estilbaçado” da instituição.*

Com efeito, até uma certa época trabalhamos muito com o exterior, especialmente com a Inglaterra, Alemanha e Itália. Houve crianças que não adquiriam a palavra em francês e terminaram por fazê-lo em outra língua. Um aspecto interessante desta abertura ao exterior é, por assim dizer, o benefício etnográfico. Por exemplo, no caso da Inglaterra, como a psicanálise não impregnou o meio intelectual geral, é possível que a criança não seja descrita em termos clínicos. Assim, quando enviávamos alguém a alguma das escolas comuns recomendadas por Winnicott, a criança ou o adolescente eram vistos

em uma perspectiva etnográfica, isto é, eram considerados franceses um tanto mal-educados e não psicóticos, já que na França os pais não sabem educar seus filhos!

*Recentemente, em sua conferência La machine bloquée: structures de soin,<sup>10</sup> por ocasião da jornada de estudo de L'espace analytique,<sup>11</sup> a senhora aludia a uma saúde pública de duas velocidades. Qual seria a posição de Bonneuil?*

Nós não aceitamos de maneira alguma o estado de deterioração da saúde pública. Foi, na verdade, o Dr. Jacques Defié, professor do *Collège de France*, quem, analisando o estado atual da saúde pública, chamou-a uma saúde pública de duas velocidades. Cada vez mais, corremos o risco de orientar tudo o que concerne à saúde mental para o “social”, para, no fim, produzir uma denegação da doença mental que agora, não por acaso, é chamada “deficiência mental”.

Atualmente não sabemos o que nos reserva o futuro e, evidentemente, Bonneuil não tem nenhuma solução para dar. Nós só podemos manter uma posição de rejeição frente a toda política de desmantelamento da saúde pública; que, diga-se de passagem, essa política iniciou-se nos anos 70 e se originou nas diretrizes americanas à OCDE.<sup>12</sup> Os países nórdicos foram os primeiros, nesse contexto, a pagarem o preço dos novos tempos. Eles eram os melhor equipados em pequenos lugares de acolhimento (*lieu d'accueil*) de até dez crianças em dificuldades, e aplicaram as diretrizes chamadas de não-segregação a partir do modelo italiano. Na minha opinião, isto é totalmente ilusório pois, como na Itália não há atualmente nada, é um pouco difícil tomar como modelo o inexistente! Mais ainda, a essa obrigação de colocar na escola as

crianças em dificuldades, soma-se a descentralização da saúde pública. Desta maneira, a situação acaba se tornando catastrófica, como os próprios países nórdicos puderam constatá-lo.

A política de descentralização da saúde que quer se aplicar na atualidade na França é particularmente desastrosa, já que, por um lado, condena as regiões pobres a serem cada vez mais pobres e, por outro lado, dá lugar, nas regiões mais ricas, ao surgimento de instituições privadas e ao desvio dos recursos públicos para fins eleitorais.

*Voltando a essa mudança de nomenclatura — deficiência mental por doença mental —, poderia se dizer que é a outra cara da política de desmantelamento financeiro, na medida em que seria um efeito do ideário empirista norte-americano de homologar todos os déficits ou condições subjetivas?*

Com certeza. Estou totalmente de acordo. Mais ainda, cabe citar os efeitos catastróficos da classificação DSM 3 e DSM 4, isto é, de toda a nosografia, por signos e sintomas que nada têm a ver com a clínica. Nesse sentido, poderíamos dizer que a psiquiatria francesa é a melhor do mundo já que, graças ao DSM 4, faz desaparecer a histeria, a neurose obsessiva, a esquizofrenia. Desta forma, a situação resulta vantajosa para as empresas seguradoras.

*Porque desapareceria o sujeito, não?*

Exatamente.

*Desde a origem de Bonneuil há um limite de idade para os jovens. O que acontece, então, com aqueles que, chegados a esse limite, ainda não são autônomos em seu cotidiano?*

Esse problema se apresentou a nós em dois momentos diferentes. No começo, o limite de idade era de 18

anos, coincidentemente com a idade oficial dos estudos de segundo grau. Depois, obtivemos um decreto ministerial de Jacques Barot, autorizando o serviço de seguimento (*service de suite*) para jovens entre 18 e 25 anos. Precisamente, foi graças a essa autorização que, na década de 80, conseguimos pôr em prática toda uma rede de acolhimento (*réseau d'accueil*) no interior, que nos permitiu “dar tempo ao tempo” àqueles que, aos 18 anos, ainda estão em dificuldades.

Atualmente, enfrentamos outro problema: o daqueles jovens que chegaram aos 25 e que, muito provavelmente, a sociedade deverá tê-los a seu cargo durante a vida toda. Obviamente, não podemos fazer milagres com os retardos profundos, com algumas formas de autismo, etc. Para eles, encontramos lugares de acolhimento no interior, mais ainda, no interior pobre, onde podem participar da criação de animais ou do trabalho com artesãos, segundo suas possibilidades. Desta maneira, tentamos dar uma qualidade de vida excepcional a quem, em geral, está reservado o hospício.

Assim, nosso desafio hoje é possibilitar que os jovens de 25 anos possam se beneficiar dessa espécie de sustentação mínima (*prise en charge légère*). Como pode se ver, a única coisa que Bonneuil faz é manter vivo um circuito transferencial entre as famílias de acolhimento, os artesãos e a família de origem.

O ministro Bernard Kouchiner autorizou, em março de 1994, através de um decreto ministerial, o funcionamento desse serviço de seguimento a partir dos 25 anos de idade. No entanto, é bom ressaltar que esse decreto ainda não foi posto em prática, pois a burocracia administrativa se opõe abertamente.

*Se, enfim, esse decreto fosse posto*

*em prática, significaria que as famílias acolhedoras seriam pagas pela administração?*

Seriam. Mais ainda, é bom ressaltar que esse mecanismo não resulta mais custoso que o pagamento, pelo Estado francês, da clássica pensão por invalidez às famílias de origem. Habitualmente, acontece que os pais, quando chegam à aposentadoria, perguntam-se insistentemente sobre o futuro de seus filhos e, sem perceber, não poucas vezes, acabam tomando o pior caminho. Por exemplo, certa vez, uma jovem esquizofrênica, que tinha conseguido administrar seu dinheiro, morava em uma casa cedida pelas pessoas do povoado em contrapartida à fabricação de queijo de cabra. Ela tinha feito amizade com integrantes da colônia holandesa do lugar. Foi tirada por seus pais e, 15 dias depois, colocada em um hospital psiquiátrico.

*Qual é a atitude de Bonneuil quando um jovem, tendo deixado a escola e entrado no circuito "normal", atravessa repentinamente uma crise mais ou menos grave?*

Nessas situações procedemos com uma nova acolhida naquilo que chamamos um lugar de retiro (*lieu de repli*). Atualmente, não temos mais essa possibilidade, pois para tal fim nos valíamos de uma casa de campo na Normandia, que nos tinha sido doada, mas que acabamos cedendo a outra instituição. Era um lugar maravilhoso, perto de um bosque e a poucos quilômetros do mar. Nessa casa houve jovens que chegaram a passar um ou dois anos com alguns membros da equipe, antes de poder retomar o circuito normal de vida. No entanto, acontece que, em um momento determinado, a equipe não quis mais ir àquele lugar que, diga-se de passagem, pessoalmente me agradava muitíssimo. E, portanto, acabamos por

cedê-lo. Pois bem, no decreto ministerial da saúde que o Dr. Kouchainer assinou recentemente, prevê-se a concessão de um novo *lieu de repli*, localizado na região da Borgonha.

*Qual foi o motivo pelo qual as pessoas da equipe não quiseram mais ir a essa casa na Normandia?*

Os adultos que costumavam também ir nos finais de semana com algumas crianças manifestaram seu desacordo por causa de um problema de trânsito nas estradas regionais; houve uma crise institucional e, portanto, desativamos esse lugar. Preferiram passar os finais de semana nos *lieu d'accueil* que a escola possui em alguns HLM<sup>13</sup> da região. Que se há de fazer! Não se pode fazer funcionar um lugar quando ninguém quer ir.

*Em relação a isso que a senhora acaba de dizer, gostaria de comentar-lhe que, não poucas vezes, quando conversamos com colegas que trabalham em instituições de saúde ou educativas, digamos, mais ou menos tradicionais, somos interpelados da seguinte maneira: enfim, nós temos também ateliês e desenvolvemos algumas atividades semelhantes às de Bonneuil, então, qual é a diferença? Em geral, esboçamos a seguinte resposta: em Bonneuil tenta-se fazer o que queremos convivendo com outros, à diferença das instituições clássicas, em que imperam regulamentos graças aos quais tenta-se prever, com maior ou menor precisão, o que deve ser feito em cada situação e momento. Qual é a opinião da senhora a este respeito?*

Concordo. No entanto, é bom aclarar, para não pecar por ingenuidade, que as limitações também existem em Bonneuil. Digamos que aquilo que nos une é um desejo de participar em uma experiência singular.

*Sim, obviamente. No entanto,*

*poderia, talvez, se dizer que as limitações estariam dadas pelo fato de “fazer junto a outros” que, diga-se de passagem, não é nada fácil, não?*

É bom esclarecer que Bonneuil também não é aquilo que se costuma chamar “uma instituição democrática”, no sentido de “todo mundo junto”. É, em última instância, meu desejo, sustentado no decorrer dos anos, o que determina que se aceite ou não uma orientação. Mais ainda, diria que não acredito na democracia no interior das instituições de saúde, já que, em geral, são sustentadas a despeito dos pacientes e da defesa de certas idéias. Neste sentido, não colocaria Bonneuil como modelo de instituição e sim apenas como um lugar ou exercício de interrogação das instituições existentes; algo que exige, obviamente, uma reformulação própria.

*Neste sentido, poderíamos dizer, talvez, que Bonneuil não pode ser tomado como “um modelo a ser aplicado”, posto que está precisamente sustentado por um desejo chamado Maud Mannoni?*

Exatamente.

## BONNEUIL: UM ESTILO DE SE AVENTURAR NO DESEJO ENTREVISTA COM MARIE-JOSÉ RICHER-LÉRÈS, REALIZADA EM 03/02/95

*Você participa da experiência de Bonneuil desde o início?*

Nos anos 68, 69, quando era estudante de psicologia na universidade de Nanterre, li o livro de Mannoni *A primeira entrevista com o psicanalista*.<sup>14</sup> Destacava-se dos outros textos que tínhamos de ler na faculdade. Achei-o comovente!

Após a leitura, fiquei interessada em conhecer Mannoni. Encontrei uma pessoa que a conhecia e foi assim que acabei por conhecê-la, quando estava, precisamente, fundando com Robert Lefort a *École de Bonneuil*. Num primeiro momento, não estava interessada em fazer um estágio, mas apenas em conversar com ela sobre o livro. Aí ela me convida a participar da experiência e como, por outro lado, eu conhecia um aluno de Fedida que já estava engajado na empreitada acabei formando parte do grupo a partir de janeiro de 1970. A escola tinha sido criada em setembro do ano anterior. Assim, foi dessa maneira que ainda estudante me deparei com esse grande projeto de trabalho que tanto me interpelava. Cabe lembrar que vivíamos o pós-maio de 68 e eu estava inserida nesse fórum de interrogação sobre a loucura, de alternativa à psiquiatria, que teve lugar naquela época. Frequentava também a *École Freudienne*.

Obviamente, nesse contexto, não hesitei um segundo em fazer um estágio em Bonneuil por mim mesma, isto é, sem obedecer a nenhuma exigência acadêmica da faculdade de psicologia de Nanterre. Por um lado, já tinha feito um dos estágios requeridos num centro médico-psicopedagógico e, por outro, o estágio clínico deveria fazê-lo no ano seguinte.

Logo no início, fui tomada por essa aventura. Estava totalmente comprometida com o projeto. Escrevi muito sobre minha experiência pessoal, pensando, inclusive, que esse material talvez pudesse vir a ser recuperado mais tarde quando da finalização dos estudos universitários. No início, havia uma dezena de adultos e outro tanto de crianças.

*Quando você diz adultos está se referindo aos estagiários?*

Em certo sentido, nessa época só havia estagiários. Havia também um casal de educadores com os quais Mannoni havia de fato tido a idéia da fundação...

*Os Guerin?*

Sim, Rose-Marie e Ives Guerin foram os que encontraram a casa em Bonneuil-sur-Marne.

*Você disse que chegou a Bonneuil tomada por um espírito de aventura. Os outros estudantes voluntários também chegaram imbuídos de ares semelhantes?*

Cada um chegava por questões pessoais, isto é, cada um tinha motivos diferentes dos outros. Pierre Fedida havia falado com seus estudantes sobre o projeto de Bonneuil. Então, os estudantes que se interrogavam sobre o problema da segregação, o aspecto sociológico e o psicanalítico da loucura, se lançaram na prática a partir daquilo que interessava a cada um. Estávamos todos

interessados em desenvolver de forma concreta esse tipo de questões, que cada um se colocava em níveis diferentes. Assim, alguma outra pessoa podia não ter os mesmos questionamentos que eu me colocava a partir da leitura que tinha feito do livro de Mannoni. Cada um vinha a partir de sua própria experiência de forma tal que podia haver o grupo de estudantes de Fedida mas também gente que, por exemplo, como eu, chegava individualmente.

*Essa situação, ou seja, a natureza e qualidade dos voluntários mudou com o tempo?*

Para lhe responder seria necessário recuperar a história de Bonneuil, fragmento por fragmento...

*Talvez fosse possível identificar períodos?*

Sim. Primeiro, teríamos aquele mais importante, o da criação de Bonneuil. Poderíamos falar de quatro ou cinco anos durante os quais foram pensados os primeiros conceitos, aquilo que se colocava em prática e se recuperava depois na reflexão. Aquele foi um tempo totalmente diferente dos outros posteriores. Foi o tempo da construção da experiência, o tempo fundador. À continuação temos o tempo dedicado à obtenção do reconhecimento desse trabalho, da pertinência de Bonneuil no contexto da política em saúde mental. Foram cinco anos de grande militância para fazer reconhecer o trabalho, para colocá-lo sobre o papel, articulá-lo, bem como definir a orientação. Isto é, tratava-se de colocar a experiência nos trilhos. Quando falo de reconhecimento, penso naquele operado pelas autoridades sanitárias públicas, mas também pelo meio psicanalítico.

Assim, teríamos um primeiro tempo de invenção e conceituação, um segundo de obtenção de reconhecimento



e do financiamento. Cabe lembrar que para tal fim nos valíamos de todos os meios de luta, de questionamento. Foi através da imprensa, dos textos de Mannoni, dos filmes rodados<sup>15</sup> nessa época, que Bonneuil ganhou existência pública.

Depois temos o tempo do olhar do exterior que vinha nos conhecer, nos controlar. Ele acabou introduzindo, impondo, uma série de coisas. Faz as vezes de um olhar terceiro em nosso trabalho, em nosso pensamento. Aqui assistimos a uma mudança na natureza dos estagiários. No início todos éramos estagiários. Entretanto, após o reconhecimento administrativo, as pessoas que participaram da experiência desde o início e que ainda permaneciam — pois houve pessoas que apenas passaram um tempo — foram reconhecidas pelo trabalho passado e portanto começaram a ser pagas pelo Estado. Por sinal, cabe assinalar que não desejamos funcionar sob a modalidade do voluntariado. Nos primeiros tempos de Bonneuil, recorriamos todos os anos ao mecenato. Na época do voluntariado, não podíamos vir mais do que meio dia ou um dia por semana de nosso tempo pessoal para fazer funcionar a instituição. Entretanto, quando do credenciamento, fizemos questão de manter esse esquema de tempo e trabalho que vínhamos tendo, ou seja, esse esquema sempre aberto às pessoas do exterior que estivessem fazendo uma formação qualquer, pois trazem sempre coisas novas por oposição aos que permanecem mais tempo na instituição como era, por exemplo, o caso do casal Guerin, que passava lá a semana toda. Então, colocou-se a questão de deixar aberta a possibilidade para toda pessoa que desejasse vir, por diversas razões, fazer um estágio conosco. Nesse sentido, deveríamos dizer que é nessa oportunidade que surge uma nova geração de estagiários.

Como vimos, no início havia poucos estagiários. Éramos em certo sentido *estagiários de uma aventura* que podia acabar na virada do ano. Podíamos fechar a qualquer momento, sobrevivíamos de um ano para outro. Havia também todo esse lado militante para que a experiência fosse reconhecida. Nesse tempo intermediário, de transição, não havia os estagiários que há hoje em dia. Entretanto, sempre houve pessoas novas que passavam conosco uma ou três semanas e que depois iam embora. Depois se dá verdadeiramente a oferta institucional de um lugar aberto para esse olhar novo, de fora.

A instituição é reconhecida da forma como desejávamos, isto é, com seu estatuto original, sua natureza de *escola experimental*, e não conforme os critérios da administração governamental para os hospitais-dia. Deu-se valor ao que tínhamos feito até então. A partir disso é que deixamos uma fenda de passagem para as pessoas que queriam vir formar-se ou deformar-se de uma prática muito restritiva e especializada. Isso nos reenvia novamente à categoria de estagiários. Os de hoje se fazem eco dos estagiários fundadores. Os estagiários são aqueles que, vindo de fora, trazem esse olhar desinstitucionalizador da loucura, o olhar de uma outra cultura, do exterior. Por isso os estagiários conformam uma categoria sempre muito festejada, muito bem considerada por Mannoni e pelos antigos. Eles trazem de novo alguma coisa da ordem da aventura de outrora, embora seja uma aventura menos “perigosa” que aquela vivida pelos primeiros. Mas são eles que portam um olhar interrogante das coisas que foram se instituindo no tempo.

*Você utilizou uma expressão que me parece particularmente interessante, estagiários de uma aventura. Por outra parte, temos visto que hoje em dia mui-*

*tas pessoas fazem estágio em Bonneuil porque isso faz parte da formação universitária delas. Encontramos pedagogos, psicólogos, enfermeiros... Então, até que ponto nos estagiários de hoje ecoa aquele espírito de aventura das origens? Tratar-se-ia, talvez, de aventuras diferentes?*

Tem gente que vem porque se sente singularmente interpelada pela experiência de Bonneuil. Aliás, foi o caso de vocês, como também de tantos outros onde a vinda a Bonneuil não se encaixa dentro de um currículo universitário. Também vem gente porque está de fato cansada daquilo que faz ou que observa fazer a outros e que não corresponde àquilo que pensa que deve ser o acompanhamento de uma criança psicótica. Assim, há um contingente de estagiários que vem de estabelecimentos de formação de educadores especializados ou das faculdades de psicologia, mas também há gente que chega por conta de um processo totalmente pessoal de interrogação e formação. No entanto, cabe observar que, mesmo aqueles que vêm por conta da formação universitária de base, não são obrigados a escolher Bonneuil. Os alunos escolhem dentro de uma lista extensa de estabelecimentos. Não se diz aonde devem ir. Assim sendo, eles também chegam, até certo ponto, porque há alguma razão ou uma ponte com a instituição, por exemplo, ouviram falar de longe ou leram alguma coisa relativa a Bonneuil.

Quando falo de *estagiários da aventura* não estou me referindo a uma categoria institucional...

Gostaria de voltar ao início. Em Nanterre, apresentei meu trabalho final de curso sobre a experiência clínica que tinha tido em Bonneuil. Aí o professor disse que Bonneuil não estava na lista de lugares para estágio propostos pela universidade e que portanto não podia aceitar meu trabalho. Obviamente, ex-

pliquei-lhe que estavam tendo uma experiência muito rica, que freqüentava também a *École Freudienne*, os seminários de Lacan, falei de Mannoni. Argumentei também que havia professores de outras universidades ligados à experiência de Bonneuil, porém ele não aceitou e continuou insistindo que não se tratava de uma instituição reconhecida para estágio. Bom... Em suma, tive de ir fazer meu estágio clínico durante as férias de julho e agosto no hospital psiquiátrico de *Villejuif* (periferia sul de Paris). Entretanto, acabou se revelando uma experiência interessante, pois lá tive a oportunidade de ver as coisas do outro lado e assim fazer um contraponto com aquilo que estávamos desenvolvendo em Bonneuil.

Assinalo esse fato para mostrar como há uma diferença grande entre os assim chamados, por mim, de estagiários da aventura ou do risco e os que começaram a vir após o reconhecimento público da instituição. Agora, ao contrário, são os próprios professores da universidade que dão a possibilidade de escolher Bonneuil como um lugar de estágio.

*Qual era a relação desses estagiários dos primórdios com a psicanálise?*

Todos tínhamos um pé no domínio da psicanálise. Entretanto, não havia nada do tipo: só podem freqüentar Bonneuil aqueles que estejam em análise. Não havia a obrigação ou, por exemplo, o contrato de iniciar uma análise pelo fato de incorporar-se ao trabalho em Bonneuil. Com Mannoni mantínhamos reuniões de trabalho e estudo duas vezes por semana. Tratava-se de passar a limpo aquilo que fazíamos e queríamos fazer. Alguns podiam, assim, decidir-se a iniciar um trabalho analítico se não o tivesse feito antes ou se ele não estivesse já em curso. Foi assim para todos aqueles que estávamos desde o

início. É claro, sempre há exceções. Havia pessoas que se dedicavam à marcenaria, que não participavam do meio típico da reflexão “psi”, que não faziam parte do meio universitário e que apenas queriam lançar-se à aventura com crianças em dificuldade extrema porque haviam refletido sobre a questão da segregação social. Havia gente que não vinha da psicanálise, mas que acabou entrando, aproximando-se cada vez mais dela devido à participação na experiência de Bonneuil.

*Voltando à relação dos estagiários com a psicanálise. Você disse que agora há professores que incluem Bonneuil na lista de lugares para estágio universitário. Então, qual é a quantidade de estagiários que possuem como referência a psicanálise?*

A situação não mudou muito. No início éramos dez e nos conhecíamos todos muito bem. Hoje já somos muitos e Bonneuil se converteu numa grande instituição. Por outra parte, caberia assinalar que a psicanálise nunca interveio no interior de Bonneuil como se a instituição fosse um grande divã onde todo mundo se analisa ou não fala de outra coisa que de sua própria análise. De maneira alguma! Naquela época, mantivemos expressamente distância da psicoterapia e da análise institucional. Aos poucos fora se perfilando a idéia, crítica, a respeito de algumas correntes. Pensávamos que Bonneuil não devia ser um lugar de “psicanálise para todos”. Assim, efetivamente, recentramos e re colocamos o lugar do processo psicanalítico pessoal como alguma coisa que faz parte da intimidade das pessoas, da vida privada. Ou seja, o problema dito da cura da pessoa se coloca fora da instituição. Entretanto, pode haver algo da ordem da chamada análise institucional, mas nunca no sentido psicoterápico grupal. Poder-se-ia dizer

que Mannoni nunca nos analisou nem nos endereçou, em certo sentido, interpretações pessoais.

A análise ocorre sobre o divã com um analista que, por sua vez, pode não ter nada a ver com a experiência institucional. Mais ainda, pensamos que a análise não é uma obrigação institucional, mas alguma coisa que faz parte do processo de interrogação ou questionamento pessoal, isto é, de cada um de nós, e que tanto melhor se tal coisa é motivada, em parte, pelo trabalho desenvolvido junto às crianças enlouquecidas. Quando fazemos o balanço, percebemos efetivamente que, para poder trabalhar neste campo e, mais ainda, se queremos ir um pouco mais longe na reflexão, na interrogação à qual nos leva a criança psicótica, ter feito uma análise revela-se uma coisa benéfica. Uma análise pode nos levar mais longe na interrogação sobre por que trabalhamos com essas crianças. Em suma, é a partir de uma atitude clínica, do encontro com a criança, que uns e outros podem ser levados a procurar uma análise.

*Dentre os estagiários pioneiros havia desde poetas a marceneiros. E agora?*

Por um lado, cabe observar que a função desenvolvida por ambos os tipos de estagiários não é a mesma. Antes, quando chegamos, tinha-se de criar tudo, realizar um trabalho de reflexão e elaboração junto a Mannoni e a Robert Lefort. Havia uma *clareagem*<sup>16</sup> psicanalítica (*éclairage psychanalytique*) de nossos questionamentos. A partir das coisas colocadas pelo trabalho com as crianças, as dificuldades, nos endereçavam para a problemática da sublimação, da violência... Nossa posição como estagiários, nossa função era fazer funcionar a instituição já que nos estávamos, de fato,

fort eram uma referência. Éramos muito acompanhados em nossas dificuldades na reflexão, mas nunca o fomos em campo, ou seja, no dia-a-dia. Devíamos inventar o “estilo de vida”.

Os estagiários atuais, embora seja sempre considerada em Bonneuil a disponibilidade deles, a invenção no encontro com uma criança, encontram um enquadre que já está lá. Por exemplo, os ateliês são encontrados em funcionamento. Assim, a criação está deslocada, não está mais aí onde nós a colocávamos, que era viver em conjunto apesar de tudo, conseguir que esse grupo de crianças conseguisse viver sem matar-se, sem bater-se. Antes, tratava-se de dar uma estrutura para a vida cotidiana. É nesse sentido preciso que falo de estagiários da aventura. Fomos os pioneiros, os fundadores, criativos às vezes, desesperados outras.

Entretanto, hoje em dia, os estagiários se beneficiam da estrutura e dos conceitos definidos ao longo dos anos da história de Bonneuil. A criação sustentada por eles — por exemplo, a música num ateliê — insere-se num enquadre, num dispositivo, que já está em funcionamento.

Em suma, trata-se de uma mesma função que não está de fato ao mesmo nível que outrora. Atualmente, exceção feita aos que vêm individualmente a partir de um trajeto pessoal, os estagiários vêm para formar-se. A diferença está lá. Quando chegamos se tratava de deformar-se de tudo aquilo que havíamos aprendido em psicologia sobre o tratamento da psicose, da debilidade mental, das crianças em dificuldade. Tratava-se de tentar esquecer tudo aquilo que faz as vezes de muralha defensiva no encontro com uma criança. Não é, necessariamente, o caso, hoje em dia, daquele que vem para formar-se. Na formação que seguem em Bonneuil aprendem de fato que as coisas lá não

sucedem da mesma maneira que nos hospitais, ou como se faz crer nos cursos de enfermagem ou de pedagogia. No caso, ocorre uma especial subversão do saber motivada pela inserção no estágio. Nesse aspecto podemos falar de certo paralelismo com a primeira situação. Porém, essa subversão não se inscreve na mesma estrutura, nem com a mesma finalidade, porque a finalidade é conseguir uma formação que será aproveitada por cada um. Entretanto, no nosso caso, tratava-se de criar alguma coisa radicalmente nova.

*Pois bem, hoje a passagem por Bonneuil reporta aos estagiários alguma coisa no processo de formação. Porém, o que resta dessa passagem para a própria instituição, uma vez que foram aqueles estagiários da aventura os que fizeram Bonneuil?*

O que resta?

*Sim, uma vez que você disse que foram os pioneiros que fizeram Bonneuil.*

Em meu caso, continuo a inventar ateliês. Continuo como antes minha reflexão e questionamento, aumentada nos 25 anos de trabalho, que sempre me leva mais longe na maneira de trabalhar e entender as coisas. O lado criativo e inventivo existe sempre.

Já a contribuição dos estagiários é variável, varia de um para outro. Alguns vêm um ano e por diferentes razões se aproximam cada vez mais até que acabam ficando para trabalhar permanentemente. Ao contrário, há outros que ficam apenas um tempo curto, mas que enriquecem a vivência cultural e institucional na escola, pontuam seu olhar com sua crítica do funcionamento do cotidiano em Bonneuil. Mesmo tendo permanecido pouco, alguma marca é depois recuperada. Mais ainda, há um outro lado importante que tem a

ver com a fabricação de um tempo com as crianças que tem efeitos na vida delas, mesmo se o estagiário vai embora pouco tempo depois, porque houve um encontro excepcional, singular.

*Poderíamos dizer em poucas palavras que os estagiários são sempre essenciais ao dispositivo institucional de Bonneuil à diferença das instituições clássicas?*

Certamente, isso coloca precisamente o problema da perenidade das instituições. Uma instituição não é mortal e portanto as coisas se fixam no seu interior a um ponto tal que isso torna-se simplesmente mortífero. Entretanto, quando pode se abrir efetivamente na vida institucional uma passagem para o exterior é a vida que entra na instituição. Isso contribui a desalojar os funcionamentos que sempre tendem a se institucionalizar. Por sinal, cabe ressaltar que mesmo nos primeiros anos da vida de Bonneuil estivemos atentos ao problema da institucionalização. Sempre pretendemos desinstitucionalizar mesmo aquilo que não estava ainda institucionalizado. É verdade que em toda instituição há o *instituinte* e o *instituído*. O instituído sempre é alguma coisa da ordem do mortífero, que se fecha, fixa e encapsula. Caso não exista lugar para outra coisa que o instituído, isso é mortífero, trata-se da ação da morte, da morte no presente. É precisamente do lado do instituinte que alguma coisa da ordem do instituído pode vir a ser deslocada. É graças às pessoas que agem de uma outra forma, que colocam questões, que se aproximam da criança de forma diferente do enquadre — que é a repetição, a pura repetição.

Nesse sentido, os estagiários são necessários em se considerando que trata-se de uma escola que luta contra aquilo que acaba se instituindo. Toda instituição produz forçosamente o instituído.

*Quando dizemos que passamos um tempo em Bonneuil ocorre o seguinte. Não poucas vezes nos fazemos perguntas acerca dos métodos utilizados, das novidades em matéria de métodos de ensino especializado. Arriscombe, pessoalmente, a dizer que o segredo não reside nas atividades que, por sinal, são iguais em todo lugar, mas no compromisso coletivo a se questionar sempre sobre a mesmíssima dialética instituinte/instituído. Entretanto, qual seria, segundo sua opinião, o traço distintivo de Bonneuil no trabalho com as crianças?*

Em poucas palavras, podemos dizer que se trata simplesmente daquilo que acontece quando vamos a um restaurante e nos deparamos com a escolha entre o menu (*la formule*) e o cardápio (*la carte*). O menu possui pratos diferentes, uma entrada, um prato principal, etc., por um preço fixo de antemão. Como sabemos, os pratos do menu integram também o cardápio. Entretanto, comer *a la carte* sempre é uma escolha pessoal, singular, mesmo se todo mundo está sentado na mesma mesa. Creio que trata-se de uma imagem que fala muito bem daquilo que é trabalhar no interior das instituições. Aquilo que compõe o menu não é o importante, mas o desejo de realizar esta ou aquela coisa a partir de um enquadre histórico. Não se trata de inventar um método qualquer, de inventar um ateliê muito original, por exemplo, que não possa ser encontrado em nenhum outro lugar. O principal não está aí. O principal, aquilo que é o motor, que propulsiona aqueles que trabalham em Bonneuil, é o fato de *ir até o fim num trabalho investido por um desejo*, uma vez que ninguém é obrigado a fazer uma ou outra coisa.

*Você falou de “escolha” e de “ir até o fim”. Poderíamos dizer, jogando um*

*pouco com as palavras, que se trata de ir até o fim de uma escolba?*

Sim, até o fim do engajamento e do desejo. Até o fim na questão que nos levou a realizar esse trajeto. Isso faz com que trabalhemos em Bonneuil sempre a partir dos questionamentos e das confrontações que a criança nos coloca.

Como vemos, não se trata da *aplicação* de uma teoria, isto é, de uma metodologia qualquer. Trata-se, ao contrário, de manifestar-se, de expressar-se, numa estrutura estabelecida em Bonneuil que é uma dialética entre o *instituído* e o *instituído*, o *agir* e o *sofrer*, entre a *palavra singular* e o *discurso*. Isso faz, efetivamente, que as coisas se desdobrem ao longo dos anos. Essa é a direção subjacente a tudo aquilo que se faz em Bonneuil.

*No início você falou de clareagem e agora diz que não se trata de aplicar. Então, poderia falar mais um pouco sobre por que não se trata de aplicar a psicanálise?*

É a partir da relação que nutrimos com a criança, do trabalho com a criança no interior do enquadre, que nos questionamos. Nosso objetivo não é reger os sintomas das crianças, mas possibilitar que eles se expressem. É verdade que, quando a criança passa de sintoma em sintoma, nós nos questionamos, ou seja, tentamos ver um pouco mais claro.

A *clareagem psicanalítica* intervém como uma referência para o questionamento no interior de uma prática, frente a um obstáculo ou fracasso qualquer, uma vez que todos precisamos de referências no nosso pensamento, na nossa reflexão. Isto é, *não buscamos a compreensão na criança* graças a uma grade teórica ou aquilo que a teoria diz em termos explicativos sobre as crianças.

O princípio é aquele de não tentar formar referências a partir de uma *expli-*

*cação da criança* em termos psicanalíticos. Ao contrário, trata-se, a partir de uma *relação clínica* qualquer, de se interrogar num dado momento — pois é necessário para nosso próprio governo, para nossa consciência — sobre aquilo que nos motiva a buscar precisamente esses pontos de referência para não afundarmos na loucura do outro. Então, a *clareagem* nos ajuda, lembramos, num trabalho de investigação pessoal. Ela não tem por função investigar a criança.

Nesse ponto, fazemos diferença com a dita *aplicação da teoria*. Não é na criança, na compreensão ou na explicação a partir de uma história familiar passada, que sempre há, que a *clareagem psicanalítica* intervém, mas na compreensão de nós mesmos. Ela possibilita a análise daquilo que a criança interpela em nós mesmos. Acaba nos levando para o divã num trajeto que é pessoal. Ou seja, nos reenvia ao esclarecimento sobre a própria disposição de cada um num trajeto pessoal de trabalho.

*Você disse relação clínica. Trata-se de uma relação clínica ou, ao contrário, educativa?*

Em Bonneuil estão presentes tanto o educativo quanto o clínico. No educativo pode também haver uma dimensão da ordem da clínica. De fato, há pessoas que se encarregam mais da função educativa no pólo escolar<sup>17</sup> da vida de Bonneuil. Porém, isso não significa que essas pessoas, que até certo ponto ensinam, ignoram necessariamente o que se passa com a criança. Não há em Bonneuil apenas educação ou apenas clínica.

*Quando lhe coloquei essa questão não estava pensando o termo educativo no sentido restritivo de uma relação escolar, mas no fato seguinte. Vejamos. Em Bonneuil se fala sempre em adultos, estagiários e crianças. Mas, por exem-*

po, Michel Polo possui o atributo de diretor da escola...

Mas os estagiários são adultos...

*Sim. Mas, veja bem, nas escolas é habitual encontrarmos professores, alunos, o corpo de direção, etc. Por outro lado, num hospital encontramos médicos, psicólogos, enfermeiros e pacientes. Então, a questão é a seguinte: em Bonneuil, que se diz ser uma escola, os adultos que não são “alunos” são o quê?*

Os adultos são aqueles que tem a tarefa de garantir o enquadre responsável pelo progresso da criança. Eles não devem eximir-se frente à angústia que a criança traz no interior do enquadre. Então, “esses adultos” são tanto os estagiários, os “temporários” (*vacataires*), os “permanentes” (*permanents*), ou seja, todos aqueles que não são “as crianças”.

*Insistindo novamente sobre esse assunto. Quando alguém trabalha num hospital, essa pessoa se apresenta em público dizendo que é, por exemplo, psicólogo no hospital “x”... Então, um “permanente” de Bonneuil apresenta-se dizendo “eu sou permanente em Bonneuil”. Isso é suficiente? Ou ele diz que é, por exemplo, psicólogo clínico?*

No interior de Bonneuil opera apenas uma distinção, aquela que há entre “crianças” e “adultos”. Para especificar as diferenças que há entre os adultos, não consideramos as especialidades de formação de cada um, mas o tempo de inserção na vida de Bonneuil. Assim, temos os *temporários*, que são pessoas que não vêm o tempo todo, eles vêm um, dois ou três dias por semana. Os *permanentes* vêm normalmente quase todos os dias da semana. Os *estagiários* são aqueles que vêm do exterior de Bonneuil e, por sinal, muitos deles vêm do exterior da França. Porém, as pessoas nunca desenvolvem um papel a partir de sua formação de base.

O papel de cada um deriva da implicação pessoal no trabalho que escolheram desenvolver em Bonneuil. Assim, temos por exemplo o setor escolar, o setor de ateliês, o setor de acompanhamento no exterior, o das famílias de acolhimento (*familles d'accueil*), e o grupo das férias. Mas, também, as pessoas se distinguem pelo tempo de presença em Bonneuil.

Entretanto, fora de Bonneuil as coisas são diferentes. Eu tenho uma formação de psicóloga clínica e tenho outras ocupações de trabalho fora de Bonneuil. Então, nesses diferentes lugares sou conhecida como psicóloga clínica. Mas isso não tem nada a ver com o trabalho desenvolvido em Bonneuil.

Em Bonneuil é central o engajamento num trabalho qualquer. É verdade que tem gente mais criativa que outra, que possui um viés mais “enquadrado” (mais rígido) que uma outra, mais educativo que outros, mais escolar que outro, porque simplesmente as pessoas se sentem mais à vontade sendo assim. É precisamente a partir daquilo que motiva as pessoas, do desejo, que isso vai se modular, se processar.

*Poder-se-ia dizer que o convite endereçado aos estagiários consiste no ensaio de uma vida em conjunto, e não na administração ou aplicação de um saber especializado que possam vir a possuir?*

Sim. Trata-se de passar um certo tempo juntos a partir do encontro que pode vir a acontecer com uma ou outra criança — pois é impossível partilhar o trabalho com todas — fazendo avançar os questionamentos pessoais derivados da interpelação endereçada pela criança, bem como as próprias questões das crianças.

## BONNEUIL: UM LUGAR PARA VIVER (UM) POUCO FAMILIAR

### ENTREVISTA COM LITO BENVENUTI, REALIZADA EM 04/02/95.

*Como você chegou a Bonneuil?*

Cheguei como estagiário, no verão de 1977. Eu tinha passado por Bonneuil dois ou três meses antes. Juliette Greco me deu o telefone de Maud Mannoni. Um dia, eu tinha ido com uma amiga assistir a um show e ela estava muito interessada no que acontecia na Argentina; perguntou-me o que fazia e isso é interessante porque, sabendo tudo o que acontecia na Argentina nos anos 77, 78, os desaparecidos, ela não via só o horror. Então, me perguntou: mas você, o que é que faz? E lhe contei o que fazia no meu trabalho com crianças.

Naquela época tinha um grupo em Juan Rincón (Argentina), digamos, um projeto educativo, do qual falarei em outro momento. Então, acabei me incorporando como estagiário.

*E como se situa? Em que lugar se insere?*

Insiro-me como estagiário em um acampamento no sul da França. Havia cinco crianças e dois permanentes: a questão era viver quatro semanas com essas crianças. A uma certa altura, me disseram: você tem de ir a Paris com uma criança; naquela época eu conhecia muito pouco a França, estávamos a 500 km de Paris, tinha de acompanhar uma criança a Bonneuil. No final de setembro retomei meu estágio, que era de três meses. De algum modo, tinha de terminá-lo e fiquei, não sei como fiquei, mas fui ficando.

No começo estive em um lugar muito peculiar, em que havia gente de diversas partes do mundo. Entrei na cozinha. Da mesma maneira, “dei uma volta” pelos distintos lugares de Bonneuil: o escolar, por exemplo, não me interessava tanto. Uns meses antes de eu chegar tinha sido feito credenciamento (*l'agrément*), vale dizer que Bonneuil passava a estar credenciado à DASS. Nesse período, haviam sido criados também os *lieu d'accueil* e os estagiários da época começaram a receber salário, deixaram de trabalhar *ad honorem*.

Nos primeiros três anos fiz diversas coisas: “dei voltas”, mantendo sempre um pé na cozinha. Interessava-me sobretudo o trabalho que era feito no exterior: acompanhar as crianças às províncias, à Itália, à Espanha; mas, sempre que voltava a Bonneuil, tinha um lugar na cozinha.

A cozinha de Bonneuil era um *carrefour*, um lugar onde se cruzavam as crianças que vinham fazer a cozinha, as crianças que não podiam estar no âmbito escolar ou aquelas que, naquele



momento, não suportavam um ateliê. Ao mesmo tempo, era um período limitado: começava às dez da manhã e ao meio-dia e quinze já tinha de se sentar para comer... e comer algo saboroso! Pelo menos, era isso o que me interessava! Interessava-me que as crianças participassem; havia algo de improvisado: podíamos começar fazendo uma coisa e acabar com outra. Mas tinha de ser saboroso.

*A partir desse momento, o que você faz?*

Depois, no fim de 81, começos de 82, fiz uma viagem longa, de vários meses, pela América Latina; surpreendeu-me a Guerra das Malvinas e, quando regresssei, voltei decidido a aceitar a proposta de Bonneuil de fazer um *lieu d'accueil*, que era o "182".<sup>18</sup>

*Por que fazer um lieu d'accueil? Não havia nenhum?*

"Fazer" no sentido de viver em um *lieu d'accueil*. Minha experiência na escola estava já feita.

*O que significa lieu d'accueil?*

Para mim, é um lugar em que as crianças entram para sair, para fazer um percurso, para não viver em família. Não compartilho da idéia do *lieu d'accueil* como uma família; interessa-me mais como um espaço de percurso, onde há crianças que podem ficar alguns meses. Para outros, o percurso é muito mais longo. Eles estão aí justamente com a idéia de separação da família, onde não entra a família, com todos os riscos que isso supõe. Um lugar em que, para não entrar na rotina, é preciso que os estagiários contribuam com outro tipo de coisas. Eles contribuem com algo da ordem da dinâmica e nós contribuimos com algo da ordem de uma permanência. Viver junto, sob o mesmo teto, com a loucura, não é fácil.

E sem chegar a ser uma família. Não é fácil por tudo o que desperta uma situação desse tipo. Falo do meu *lieu d'accueil*. Cada um tem um perfil diferente, de acordo com a pessoa que está à frente dele. Com certeza, o "182" está muito impregnado das minhas escolhas, meus gostos, meus limites, minha ordem, meu modo de ser.

*Falando em escolhas, quem determina quais crianças vão para um determinado lieu d'accueil?*

É um pouco ao acaso, tanto no sentido da disponibilidade de vagas como da disponibilidade de pessoal. Em geral, a criança que faz um longo percurso no *lieu d'accueil* não fica sempre no mesmo; é interessante que mude.

*Mas quando se tem de decidir por uma criança ou outra, porque há uma vaga só, quais são os critérios? São critérios de que ordem?*

Se há duas crianças que precisam ir a um *lieu d'accueil*, atenta-se para qual das duas se beneficiaria mais. Da mesma maneira, erramos em um de cada dois casos. Não tem jeito. Consideramos a quem pode ser mais útil naquele momento; consideramos se há outra criança no mesmo que possa se dar bem com essa criança nova; ou, consideramos também onde se encontra esse *lieu d'accueil*: por exemplo, se no próprio bairro há alguma possibilidade para essa criança. Esse exterior se constrói com cada criança que chega, já que você pode pensar que algo pode ser bom para essa criança e acontece o contrário.

*Você falava de um lieu d'accueil como de um lugar de passagem, enfatizava que não se pretende substituir a família, por que enfatizava isso?*

Família e patologia... a minha, a sua e quanto mais a das crianças! Que

não pretenda ser uma família não quer dizer que não se criem laços. Nós trabalhamos com elementos como presença/ausência, apontados por Mannoni em seu livro *Amor, ódio, separação*<sup>19</sup> com muita pertinência. Essa é a base.

*Que relação existe entre quem trabalha nos lieu d'accueil e a família da criança?*

Em geral, a família não passa do *ball*. Os pais nos conhecem, os pais estão metaforizados através de uma carta, de um objeto, que dão à criança. Em geral, prefiro falar com eles de coisas concretas. Por exemplo: precisa de um par de meias, precisa disto ou daquilo. Quase nunca falo do que fazemos no *lieu d'accueil* porque esse é nosso segredo; eles podem falar ou perguntar na escola. Em geral, dou uma resposta imediata para dar a idéia de que a vida é possível. Muitas vezes, os pais perguntam: como com vocês é possível e conosco não? Para mim, há algo muito claro e é não substituir os pais, não nos colocarmos como pais ideais, como pais-modelo. Tento, ao contrário, reforçar a idéia de pertença da criança à sua família, isto é, ressalto o fato de que podemos “estar juntos porém não misturados”.

Acredito que toda criança tem direitos. O que Dolto dizia: cada criança leva um nome mas tem o direito a uma vida própria. É uma questão muito complexa.

É importante que os pais entrem metaforizados. Dizemos aos pais que aqui as crianças têm suas coisas, que não é necessário reconstruir aqui a casa deles porque isso é uma invasão.

*Então, que seja um outro espaço... As crianças perguntam por que estão lá, por que moram lá?*

Perguntam de outra maneira. Podem-se dar muitas respostas. Acredito

que é importante lhes dizer que, para estar juntos novamente, é preciso poder estar separados. Digo-lhes: que sorte quando você voltar a encontrar sua família! Paradoxalmente, a solidão aprende-se em companhia. Tem de se observar quais os efeitos que produz a separação. A criança é vista desde um outro lugar. O fato é que não são filhos nossos. Agora, o que passa pela cabeça das crianças? Imagino que existam tantas perguntas, questões e respostas quanto crianças.

É notável. Às vezes, acontece que de algumas crianças lhes escapa e, em lugar de dizer Lito, dizem “papai” ou, também, “mamãe”. Aí, a gente pode rir, pode resolver algo através do humor. Nunca respondo “não, eu não sou seu pai”. Respondo com humor, por exemplo, “que papai mais gordo!” ou “uma mãe com barba!”. Tem-se de brincar um pouco com o humor e, ao mesmo tempo, receber algo das crianças. Muitas vezes, dizem “Lito, te quero” e, então, digo-lhes que, para que isso seja acreditável, tem que se fazer alguma coisa, senão é muito fácil dizer. Digo-lhe “seu pai não a colocou aqui para isso; seu pai a colocou aqui para que aprenda a ler, escrever, trabalhar”. Para que isso seja acreditável, enfim, não há nada melhor que o trabalho; tem de se deslocar para algum lugar.

Introduzir algo nesse espaço que não duvido que exista; não duvido que as crianças possam me amar, mas, quando uma delas diz “te amo”, escuto também algo da ordem do ódio. Não são a mesma coisa, mas vêm juntos.

Todas as crianças que estão em Bonneuil têm por trás histórias terríveis. Por isso, Mannoni repete esse conceito — entre Lacan e Dolto — segundo o qual é preciso pelo menos duas gerações para “fazer um psicótico”.

*Mudando um pouco o eixo de*

*nossa conversa, como surge, dentro da escola, a idéia de abrir os lieu d'accueil?*

Havia crianças que não podiam viver, tinham um limite. Tudo o que nós fazíamos era sistematicamente demolido, às cinco da tarde, pela família. Não havia espaço para essas crianças. Isto é, os *lieu d'accueil* não foram criados por um problema de distância, para aquelas que moravam longe. Não. Essa foi só uma das motivações. É claro que uma criança que mora a duzentos quilômetros de Bonneuil não pode viajar todos os dias, mas esse é só um dos motivos. Penso que o critério que prevalece, o mais interessante, é a idéia de ida e volta, ou seja, de separação. Tinha de se dar a essas crianças um outro lugar que não fosse nem a instituição nem a família. Depois, vimos que o *lieu d'accueil* não era suficiente e pensamos nas famílias acolhedoras (*familles d'accueil*).

*Que diferença há?*

Em geral, são famílias de agricultores, artesãos, de diversos lugares de França, que possibilitam que a criança possa se introduzir em algo  *dessa vida de família* para, outra vez, poder sair dela. Às vezes, para que as crianças possam aprender algo, às vezes, simplesmente, para aprenderem a viver. E muito melhor se aprenderem um ofício, uma porta de saída.

É um trabalho pago. As famílias são pagas. Atualmente, têm um estatuto de assistência que não é o melhor, mas que a administração nos obrigou a ter. A criança mora com essa família e não com a família dela. A criança integra-se, na medida do possível, ao trabalho. A família tem um salário que passa a ser uma contribuição. Isso é para levar mais longe a separação. Como dizia Octave Mannoni, para introduzir algo de uma outra cultura.

Se bem que na escola de Bonneuil

haja um olhar cubista, isto é, como um objeto visto sob diversos ângulos, não nos iludamos. Nos últimos tempos, as pessoas que se aproximam de Bonneuil vêm de um ou dois tipos de lugares — as faculdades de psicologia ou as escolas de educadores especializados —, quer dizer, vêm com um olhar profissional que supõe formações e deformações. É muito mais interessante quando vêm de lugares diferentes: médicos, juizes, músicos, escultores, artesãos, jardineiros, porque, de todo modo, o trabalho que se faz em Bonneuil pode ser feito por um ou outro. Muitas vezes é mais difícil para os psicólogos ou os educadores fazer o que se faz em Bonneuil.

*Que diferença há entre as pessoas que chegam hoje a Bonneuil e as que chegavam em anos anteriores?*

Isto é algo que tem a ver com a formação. Muitas pessoas vêm da universidade porque têm de cumprir certos requisitos de formação, mas também há gente como vocês, que vêm do exterior e para quem isto não acrescenta nem tira nada.

*O que é que você pode dizer a respeito do “trabalhoso” de se sustentar um lugar de vida?*

Não é só trabalhoso. É também difícil. Eu não poderia dizer muito sobre o que é o autismo, a psicose ou a neurose grave, como temos nos *lieu d'accueil*. Não poderia desenhar um perfil perfeito dessas estruturas mas, se de algo posso dar testemunho é do sofrimento, o enorme sofrimento que tudo isso comporta e que, muitas vezes, o conceito de estrutura esquece. ■

## NOTAS

<sup>1</sup> Finalizava um estágio de dois meses na *École Expérimentale de Bonneuil-sur-Marne*, quando me ocorreu propor a Roberto Scagliola, amigo desde os tempos na Argentina, então já radicado na Itália, realizarmos uma série de entrevistas. De fato, tinha sido Roberto quem, após ter estagiado em Bonneuil algum tempo antes, ofertou-me as coordenadas de Lito Benvenuti — um incansável e amável albergador de estrangeiros — para fazer o primeiro contato que me possibilitaria estagiar pela primeira vez durante uma semana no inverno de 1994. Por sinal, uma forma de chegar a Bonneuil, muito semelhante à de tantos outros, assim chamados, estagiários do exterior.

O teor das entrevistas que se seguem e a escolha das pessoas a serem entrevistadas foram objeto de uma análise conjunta. Redigimos algumas perguntas, deixando aberta a possibilidade de colocar outras no decorrer da conversa. Decidimos também que cada entrevista seria, a princípio, conduzida de forma individual. Assim sendo, primeiro, conduzi a entrevista com Marie-José, depois Roberto realizou em espanhol a entrevista com Lito, e, por último, foi minha vez de fazer o mesmo com Maud Mannoni. Entretanto, apresentamos as mesmas numa outra ordem. A transcrição e edição das entrevistas foram feitas individualmente. A tradução do espanhol foi realizada por Viviana Gelado, entretanto, aquelas do francês são de minha responsabilidade. Por último, cabe assinalar que o segundo estágio realizado em Bonneuil, no inverno de 1995, contou com o inestimável auxílio financeiro do CNPq. (Preparação de originais e anotação: L. de Lajonquière.)

<sup>2</sup> Os franceses têm o hábito de falar em termos de “a educação nacional” para se referirem ao sistema público de ensino.

<sup>3</sup> A Escola de Bonneuil foi credenciada como “hospital-dia com lares terapêuticos de noite em caráter experimental” junto à DASS (Departamento de Ação Sanitária e Social regional) de Val-de-Marne em 17/03/75. Para se ter uma idéia da luta empreendida contra a tecnocracia sanitária e pedagógica para, primeiro, obter o reconhecimento da natureza institucional *sui generis* de Bonneuil e, depois, evitar seu aniquilamento, consultar as cópias anexadas das cartas enviadas por Mannoni nos livros *Éducation impossible*, Paris, Seuil, 1973; e *Bonneuil, seize ans après*, Paris, Denoël, 1986.

<sup>4</sup> Embora seja usual traduzir *éclatée* por *estourada*, nós nos permitimos optar por *estilhaçada*, uma vez que essa última remete à figura de um espelho estilhaçado. Cf. L. de Lajonquière, “A escolarização de crianças com DGD”, *Estilos da clínica*, n. 3, 1997, p. 116-129.

<sup>5</sup> *B.E.P. (Brevet d'études professionnelles) Agricole*: espécie de diploma de estudos technoagrários. Até os anos 80, dava-se por certo que apenas os filhos de proprietários rurais empreendessem esse tipo de formação.

<sup>6</sup> Na França a nota máxima é 20/20.

<sup>7</sup> Trata-se dos últimos dias de janeiro de 1995.

<sup>8</sup> *Centre de Formation et de Recherches Psychanalytiques*, dissolvido em 30/01/95.

- <sup>9</sup> *Le schizo et les langues*, Paris, Gallimard, 1970.
- <sup>10</sup> *A máquina bloqueada: estruturas de atendimento*. Conferência proferida em 05/02/95 no contexto das *Jornadas de estudo*, com o título “Psicanálise e psicoterapia. Desejo e cura”.
- <sup>11</sup> Associação fundada em 16/10/94 por Maud Mannoni, no início denominada *Centre Freudien de Formation et de Recherches Psychanalytiques*.
- <sup>12</sup> Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico.
- <sup>13</sup> *Habitation à Loyer Modéré*: moradia popular.
- <sup>14</sup> *Le premier rendez-vous avec le psychanalyste* havia sido publicado em 1965 por Denoël-Gonthier.
- <sup>15</sup> Refere-se a *Vivre à Bonneuil* e *Secrète enfance*, rodados por Guy Seligmann. O material que deu origem ao último dos filmes encontra-se publicado em G. Seligmann e M. Mannoni, *Secrète enfance*, Paris, EPI, 1979.
- <sup>16</sup> A propósito da utilização do neologismo *clareagem* como tradução da palavra francesa *éclairage*, consulte-se M. C. Kupfer, “A presença da psicanálise na escola de Bonneuil”, *Psicopedagogia*, v. 15, n. 38, 1996, p. 42-47.
- <sup>17</sup> O escolar gira em torno aos cursos à distância ofertados pelo CNEC. Isso dá às crianças o estatuto administrativo-escolar de “normais”.
- <sup>18</sup> Chamado assim apenas pelo fato da casa estar situada no número 182 de uma avenida próxima à escola.
- <sup>19</sup> *Amour, haine, séparation. Renouer avec la langue perdue de l'enfance*. Paris, Denoël, 1993.